

## Mídias sociais e as diferentes experiências de cura durante a pandemia do novo Corona vírus<sup>1</sup>

Gabriel Ferreira de Brito – Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE/BR<sup>2</sup>.

Palavras-chave: Experiências de cura. Mídias sociais. Pandemia.

### INTRODUÇÃO

Durante os anos de 2020 e 2021, mais precisamente de março do ano inicial a agosto do ano final, realizou-se uma etnografia digital e presencial na cidade de Olinda, Pernambuco, Brasil. O campo escolhido para pesquisa foi o bairro de Ouro Preto, segundo maior da cidade cuja densidade demográfica era, em 2020, a quinta maior do Brasil IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística<sup>3</sup>. Tratava-se de uma antropologia dos modernos e, por conseguinte, uma antropologia “em casa” (*at home*). Porém, a dimensão digital (mídias sociais e plataformas digitais) constituía a principal fonte de coleta de dados, tanto devido às normas de isolamento social quanto por objetivo de pesquisa, a saber, analisar mídias sociais compartilhadas por participantes da pesquisa sobre a experiência de residentes da cidade de Olinda com a pandemia de Covid-19 a partir de ambientes digitais. Este recorte (três informantes), representa apenas a análise parcial da pesquisa que possui uma dimensão bem mais ampla.

Metodologicamente, utilizou-se o programa Atlas ti<sup>7</sup><sup>4</sup> como auxiliar na análise qualitativa dos dados. Assim, os dados de compartilhamento de mídias sociais pelas informantes selecionadas eram transferidos para o Atlas; depois eram codificados em palavras-chave que remetessem a associações em torno da pandemia; depois de definidas as redes de associações, eram finalmente categorizadas as redes de códigos nos modos de existência. A codificação inicial era realizada com base no marco teórico, a saber, os

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. “This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001

<sup>2</sup> Membro do Grupo de Pesquisa Pensamento Processual e Estudos Whiteheadianos na AL (CNPQ): [dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2854901645529352](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2854901645529352).

<sup>3</sup> Conforme o último censo do IBGE. Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/olinda/panorama>. Acesso: 25 de agosto de 2020.

<sup>4</sup> Não desconhecemos outras versões mais recentes do Atlas, porém, a sétima possui a ferramenta de “famílias” que, metodologicamente, auxilia na categorização dos códigos que, aqui, não são sinônimos.

modos de existência desenvolvidos por Latour (2019). O primeiro passo, então, era tratar os dados identificando os elementos participantes de associações em rede – modo de existência da rede [RES] - em torno dos dados de cada informante. Esses dados eram derivados de mídias compartilhadas, como vídeos, conversas de WhatsApp, *stories* e *posts* de Instagram ou Facebook, dependendo do ou da informante em questão. Quando exauridas as associações identificadas, seguia-se para o passo seguinte: identificar e categorizar quais modos de existência participavam de caso analisado. O que era feito cruzando o modo de existência das redes [RES] e das preposições [PRE]. Este segundo modo busca identificar o sentido e as condições de verdade (felicidade/infelicidade) de cada modo de existência (doze mais três modos da metalinguagem de investigação).

Essencialmente um modo de existência é uma categorização ontológica da experiência, a cada momento do ser enquanto outro. O ser, neste caso, seja humano ou não humano, não é um ser estável e imutável (essencialismo), mas um ser em fluxo, conforme os modos se cruzam, combinam-se ou se repelem. O importante é não cometer erros de categoria, atribuindo a um modo de existência as condições de verdade de outro modo (p. exp.: utilizar a verdade da ciência – modo da referência [REF] – em lugar do modo do direito [DIR] ou da religião [REL], entre outros). Cada modo possui uma valoração ou sentido que define suas condições de felicidade/infelicidade.

O argumento que será desenvolvido, a partir dos modos de existência, é de que os dados apontam para duas formas (prevenção e terapêutica) para lidar com a pandemia: conforme as mídias transportam experiências de cura na forma de relatos, defendia-se o sentido científico e o modo de existência da ciência no tratamento para a Covid-19, porém, não poucas vezes desconsiderando o *tempo* e as *controvérsias* entre cientistas, o que resulta em uma ciência “de fora” dos laboratórios cruzada com outros modos de existência; em decorrência dessa ciência circulante como mídia social, foi identificada uma hiper valorização de práticas ligadas a hábitos de busca de bem estar, espiritual ou não, relacionados à manutenção da saúde e imunidade. Nesta transição da ciência [REF] para as mídias sociais, perde-se um componente fundamental para a (bio)medicina e os testes de laboratório: o placebo, ou efeitos placebos. Dito de outra maneira, tanto no caso um quanto no dois, a cura jamais leva em conta a possibilidade de efeitos placebo. O placebo aparece então como uma experiência limiar com a cura: nos laboratórios, é o que determina a eficácia de medicamentos, fora, é substituído por práticas terapêuticas “alternativas”. O que, a nível teórico, demonstrou que o animismo, conceito tão caro à antropologia, não pode ser resumido a seu equivalente “moderno” – o modo de existência

da metamorfose [MET]. Ele possui dignidade ontológica própria e circula mesmo entre os “modernos”.

Já o marco teórico ligado a etnografias digitais parte dos conceitos de mídia social e ambientes digitais. Ambientes digitais são os “meios” em que a vida se faz presente, circulando por componentes materiais e em energia, sendo tal “materialidade feita de bytes e linguagem de programação” (MILLER et., al, 2019, p. x). Enquanto que as mídias sociais são as “formas” pelas quais a “vida” circula nesses meios (LEITÃO; GOMES, 2017), ou como os conteúdos circulam pelas plataformas (MILLER, et al., 2019, p. x).

A seguir, descrevo os principais modos de existência que foram identificados quanto à cura, ou prevenção, em relação direta ou indireta com a pandemia do novo coronavírus. Depois, parto para descrição de cada um dos três casos selecionados para este artigo. Lembro que este é um recorte do meu campo de pesquisa e corresponde a um capítulo de minha tese. O campo se desdobrou por controvérsias sobre medicamentos, redes de solidariedade que mitigavam o impacto da pandemia em Olinda e, também, sobre as campanhas municipais de 2020 que ocorreram durante o período pandêmico. Na terceira parte, reflito sobre as implicações da ausência de qualquer conhecimento sobre placebo nas práticas de cura não ligadas à biomedicina. Finalmente, tensiono os modos de existência de Latour, proponho, na esteira de Stengers (2017), uma reativação do animismo, visto que seu equivalente moderno, o modo de existência da metamorfose não é suficiente para lidar com as experiências que observei em meu campo de pesquisa.

### **Metamorfose e hábito**

A [MET] capta a experiência das mutações pelas quais os seres passam. Os seres invisíveis da magia, divindades e cultos, eram “presentes” em outros povos, mas foram erradicados pela modernidade europeia. A psicologia, por outro lado (LATOUR, 2019, p. 157), encarregou-se de lidar com tais seres como parte da psiquê humana, e não de forças exteriores ao “ego”. São nossos psiquismos. A [MET] capta transformações pelas quais passamos devido a esses seres invisíveis que nos levam a crises e recuperações. A isso se acrescentam alternativas terapêuticas e farmacêuticas (psicotrópicas).

O mais “comum” dos modos de existência: o [HAB]. Tudo que aprendemos, seja pela educação, seja pelo desenvolvimento de nossas habilidades ou capacidades cognitivas remete ao hábito. Dirigir, tocar um instrumento, rezar, ler um jornal, dar aulas, praticar esportes, ler, postar *selfies* e fotografias numa rede etc. O hábito é o que garante a continuidade, inclusive, dos outros modos de existência, pois ele incorpora

determinadas práticas em nosso cotidiano, como um efeito de imanência (LATOURE, 2019. p. 220). Manter o hábito, contudo, é manter a atenção; diferente da rotina, segundo Latour.

QUADRO 1 – MODOS DE EXISTÊNCIA

Nome	Hiato	Trajectoria	Felicidade e Infelicidade	Seres a instaurar	Alterações
<b>Grupo 1: Sem quase-objeto e sem quase-sujeito</b>					
[REP] RERODRUCÃO	Risco da reprodução	Prolongamento dos existentes	Continuar, herdar/desaparecer	Linhas de forças, linhagens, sociedades	Explorar as continuidades
[MET] METAMORFOSE	Crises e recuperações	Mutações, emoções, transformações.	Fazer passar, Instalar, proteger/ Alienar, destruir.	Influências, divindades, psiquismos	Explorar as diferenças.
[HÁB] HÁBITO	Hesitações e ajustes	Cursos de ação interrompidos	Prestar atenção/Perder atenção.	Véu sobre as preposições.	Obter essências.
<b>Grupo 2: Quase-objetos</b>					
[TEC] TÉCNICA	Obstáculos, desvios.	Ziguezagues da astúcia e da invenção.	Rearranjar, montar, ajustar/fracassar, destruir, imitar.	Delegações, dispositivos, invenções.	Dobrar e redistribuir as resistências.
[FIC] FICÇÃO	Vibrações material/forma.	Triplo desengate: tempo, espaço, actante.	Fazer manter, fazer crer/Fracassar, perder.	Envios, figurações, formas, obras.	Multiplicar os mundos.
[REF] REFERÊNCIA	Distanciamento e dessemelhança das formas	Pavimentação das inscrições	Informar/perder as informações.	Constantes por informações.	Ter acesso aos distantes.
<b>Grupo 3: Quase-sujeitos</b>					
[POL] POLÍTICA	Impossibilidade de ser representado ou ser obedecido.	Círculo protetor de continuidade.	Retomar e estender/suspender ou reduzir o Círculo.	Grupos e figuras das assembleias.	Delimitar e reagrupar.
[DRO] DIREITO	Dispersão dos casos e das ações.	Vinculação dos casos e das ações pelos meios.	Ligar/romper os planos da enunciação.	Seres portadores de segurança.	Garantir a continuidade e das ações e dos atores.
[REL] RELIGIÃO	Ruptura dos tempos.	Engendramento de pessoas.	Salvar, colocar em presença/perder, afastar.	Deuses geradores de presença.	Obter o cumprimento os tempos.
<b>Grupo 4: Vínculos entre quase-objetos e quase-sujeitos</b>					
[ATT] APEGO	Desejos e carências	Multiplicação dos bens e dos males.	Empreender, interessar/cessar as transações.	Interesses apaixonados.	Multiplicar os bens e os males.

[ORG] ORGANIZAÇÃO	Confusão das ordens.	Produção e seguimento dos <i>scripts</i> .	Dominar os <i>scripts</i> /perder-se nos <i>scripts</i> .	Enquadramentos, organizações, domínios.	Mudar o tamanho e a extensão dos quadros.
[MOR] MORAL	Inquietude sobre os fins.	Exploração dos vínculos meio/fim.	Retomar os cálculos/suspender os escrúpulos.	O “Reino dos Fins”.	Calcular o impossível ótimo.
<b>Grupo 5: Metalinguagem da investigação</b>					
[RES] REDE	Surpresa de associação	Segmento de conexões heterogêneas.	Atravessar os domínios/perder a liberdade de investigação.	Redes de irreduções.	Estender as associações.
[PRE] PREPOSIÇÃO	Erros de categoria.	Detecção dos cruzamentos.	Dar a cada modo seu gabarito/esmagar os modos.	Chaves de interpretação.	Garantir o pluralismo ontológico.
[DC] DUPLO CLIQUE	Horror aos hiatos.	Translação sem tradução.	Falar literalmente/falar por figuras e tropos.	Reino indiscutível da razão.	Manter o mesmo apesar do outro.

Fonte: Latour (2019, p. 392/393, Quadro I).

## A pandemia e a ciência

A primeira análise que apresento é sobre a experiência da informante que chamarei de Isaura, uma artista plástica, artesã, mãe, e ligada a culinário *low carb*, vegana; também vinculada a movimentos sociais, como organizações não governamentais e coletivos locais. Passei o período de mais ou menos um ano e meio observando seu uso de Instagram, assim como regularmente mantinha conversas informais pelo WhatsApp. Nesse processo, pude analisar as mídias sociais que ela compartilhou durante o período pandêmico e, com isso, construí um banco de dados sobre sua experiência com a pandemia mediada pelos ambientes digitais (o que era parte do objetivo principal da minha tese).

Ainda em agosto de 2020, menos de seis meses da circulação da Covid-19 pela cidade de Olinda, procurei-a para saber como ela estava com-vivendo com a pandemia:

Meu querido, falando sobre a Covid: eu acredito que não tive. E nem ninguém lá em casa. Mas, assim, existem as pessoas que são assintomáticas (né?). Porque eu saí. Eu me expus (né?). Eu ia no mercado, ia no médico (vou né?). Então, assim, eu não posso afirmar com certeza que eu não tive, mas eu acredito que não. Pelo menos não tive nenhum sintoma. E, na verdade, eu ainda estou, de certa forma, fazendo a minha quarentena (né?). Eu não tô indo pra aglomerações... lugares assim, né... festinha, essas coisas. Nada. Eu continuo, assim, em casa. Mas saindo pra resolver minhas coisas normalmente (Fala de Isaura, Ouro Preto/PE. Transcrição de áudio de WhatsApp. Dia 25/08/2020). (BRITO, 2020, 167).

Como se vê, Isaura estava seguindo as recomendações restritivas, conhecidas como isolamento social. Mais inda, parecia estar em sintonia com temas daquele período (pessoas assintomáticas). Noutra ocasião, comentei especificamente sobre esse assunto:

[...] Num estudo recente sobre a Covid-19, o risco de transmissão por pessoas assintomáticas estava associado a pessoas “pré-sintomáticas”. Ou seja: existem pessoas que foram contaminadas, mas já podiam transmitir a doença mesmo antes de manifestarem os sintomas da doença (GHANDI et al, 2020, p. 2). Tal estudo, feito em laboratório e publicado em uma rede sociotécnica (LATOURE, 2012), isto é: em um periódico inglês, lida com o mesmo discurso que a minha interlocutora, a Isaura, lidou [...] (BRITO, 2020, p. 167).

No entanto, Isaura possuía uma opinião muito bem definida sobre a pandemia naquela mesma ocasião.

Gabriel é porque eu tenho outra opinião sobre esse vírus. Entendesse?

E sobre tudo isso, essa polêmica, né, em torno dele.

Primeiro que eu acho que, é, esse vírus nem é tão letal, como se diz, sabe? As complicações vêm por causa de outras coisas. E... eu acho que tem uma elite aí, politizada,[voz de crianças conversando] que manipula tudo. Entendeu? Manipula as informações. Por exemplo: quantas pessoas morreram na tua rua, que tu conhece? E essas pessoas que morreram, elas tinham complicação? Aí se libera tudo. Porque tá tudo liberado, né? Não existe mais pandemia na cabeça das pessoas. Porque o que eu vejo por aí são as pessoas sem máscara. Aglomerações. Igrejas cheia de gente. Shopping cheio de gente; restaurante cheio/Todos os lugares.

Então eu te pergunto: por que chegamos nesse ponto? Porque foi liberado, né. Sabendo que poderia ocorrer uma segunda onda. E que já está ocorrendo em alguns lugares, né. Então, pra mim, isso aí tem muito a ver com interesses mesmo, sabe. Indústria farmacêutica, política. (Transcrição de áudio. Comunicação pessoal, via WhatsApp, dia 25 de agosto de 2020).

Oficialmente, Olinda confirmou seus dois primeiros casos de covid-19 no boletim epidemiológico de nº 5, correspondendo aos dados do dia 23 de março de 2020<sup>5</sup>. A fala de Isaura é do dia 25 de agosto de 2020, cinco meses após a circulação da doença na cidade. A opinião dela estava, digamos, bem *in*-formada; mas nem por isso aparentava em concordância com as informações (“manipuladas”) que circulavam. Os vilões, aqui,

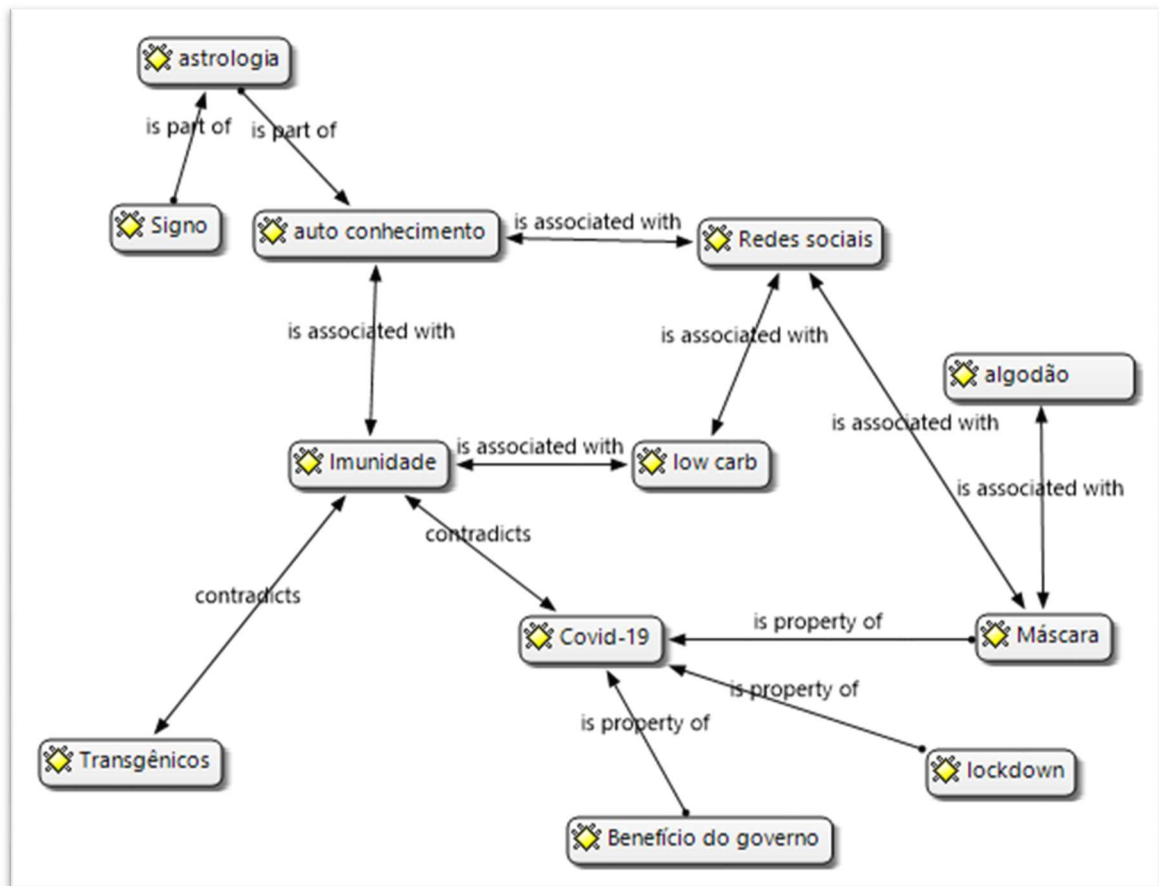
---

<sup>5</sup> Fonte: Informe epidemiológico coronavírus (covid-19) nº 5/2020. Disponível em: [boletim Covid-19 - Prefeitura de Olinda, Mais Conquistas para Todos | Prefeitura de Olinda, Mais Conquistas para Todos - Site Oficial da Prefeitura de Olinda | Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, www.olinda.pe.gov.br](https://www.olinda.pe.gov.br/boletim-covid-19-prefeitura-de-olinda-mais-conquistas-para-todos). Acesso. 13 jul. 2022.

seriam políticos e a indústria farmacêutica. Assim como manipuladores de informações (mídia?).

Para ilustrar as associações que identifiquei nos dados coletados nas interações com Isaura para os cinco meses mencionados acima, elaborei, no ambiente do Atlas ti.7., uma rede:

FIGURA 1 – REDE COVID-19 E AUTOCONHECIMENTO



Fonte: o autor, 2021.

Cada código da rede foi gerado com base em nossas conversas e nas mídias sociais que ela compartilhou no Instagram naquele período. As transcrições das conversas demonstram suas opiniões sobre a pandemia; a rede traz os seres e entidades que ela costumava “interagir” no ambiente digital. Associações cosmológicas (signos, astrologia) ligam-se ao autoconhecimento; este é ligado à saúde (imunidade, *low carb*), em oposição a transgênicos e à covid-19. A associação com redes sociais se refere à transformação dessas associações, e relações, em mídias sociais compartilhadas sobre o assunto;

máscaras, feitas de algodão, decorrem da presença do vírus que, por sua vez, também se associa com ações do governo (benefício, *lockdown*).

Uma primeira questão que a rede (Figura 1) demonstra é que já podemos identificar algumas categorias. Latour (2019) diz que para encontrar os modos de existência, deve-se seguir o par rede [RES] e preposições [PRE]. A primeira ferramenta permite seguir um curso de ação, mapeando associações; a segunda dá o sentido (condições de felicidade/infelicidade), ou seja, define o tom, os valores, qualifica como um modo deve ser encarado em seus próprios termos: verdadeiro ou falso. No caso de Isaura, a cosmologia está associada ao hábito: autoconhecimento, alimentação adequada (sem transgênicos, dieta *low carb*). O que afeta a saúde, gerando imunidade. Algo que se opõe à contaminação. Ao lado da circulação do vírus, Isaura reúne uma cosmologia baseada em astrologia e signos, protegendo-se.

O hábito [HAB], aqui, estaria associado à “Ciência”? Estaria ligado à metamorfose [MET]? Penso que não, já que a metamorfose está muito mais ligadas a seres invisíveis de outra ordem, não aos seres da reprodução [REP], como o Sars-Cov-2. Por isso, defendo que o [HAB] aqui “alisa”, torna as boas práticas em sintonia com os astros, o modo de existência anímico [ANI], tornando-o um modo de existência que evoca seus seres para proteção do bem estar físico.

### **Animismo, neopaganismo e pandemia**

Sem dúvida que a experiência de cura de Isaura, e agora, a de Silvana, diferem do animismo “clássico”. Isto é: para não irmos tão longe na vasta literatura sobre animismo, produzida dentro da antropologia, basta indicar um interessante debate em torno da etnografia de Bird-David (1999; 2019) realizada entre os povos caçadores-coletores Nayaka, no Sul da Índia. A antropóloga concebe o animismo como uma epistemologia relacional, entendendo o termo relacional a partir de Strathern. No debate em que se segue, Viveiros de Castro critica esta noção epistemológica para o animismo e o concebe como ontológica (e sofre a réplica de Bird-David que diz não ser possível fazer uma coisa sem a outra). Vale lembrar que ao investigar o animismo entre povos amazônicos, Viveiros de Castro desenvolveu o chamado perspectivismo ameríndio (Cf. VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 41). Mas o que há em comum entre Viveiros de Castro e Bird-David? Ele e ela realizaram etnográficas entre povos não ocidentais que conceberíamos normalmente, na antropologia (ao menos na pré-virada ontológica), como outras culturas. No meu caso, realizei uma “etnografia” no lar, como diria Peirano (1998).



Em uma antropologia dos modernos (LATOURE, 2019), deve-se sempre lembrar desse “detalhe”: estamos falando de etnografias em casa. Em segundo lugar, que Viveiros de Castro, está falando de alteridades-radicaís (Cf. crítica de GRAEBER, 2019 [2015]). Esta pesquisa se desenvolveu nesse contexto, do lar, em comparação com a teoria antropológica no que diz respeito aos modos de existência; e especificamente, neste caso, ao animismo. Podemos falar de animismo entre “nós”? A questão é definir, primeiro, esse “nós”. Com Latour (2019) estamos falando de nós, modernos. O modo de existência da metamorfose, sugiro, é uma “herança” do animismo, mas agora separado da comparação entre animismo e religião; Latour separa tal modo [REL] da [MET], não sobrando espaço, aqui, para pensar na circulação do “animismo”, entre “nós”. Minha sugestão é que o animismo continua circulando, mas de um modo, obviamente, não idêntico ao de um perspectivismo ameríndio (VIVEIROS DE CASTRO, 2018) ou de uma epistemologia relacional (BIRD-DAVID, 1999).

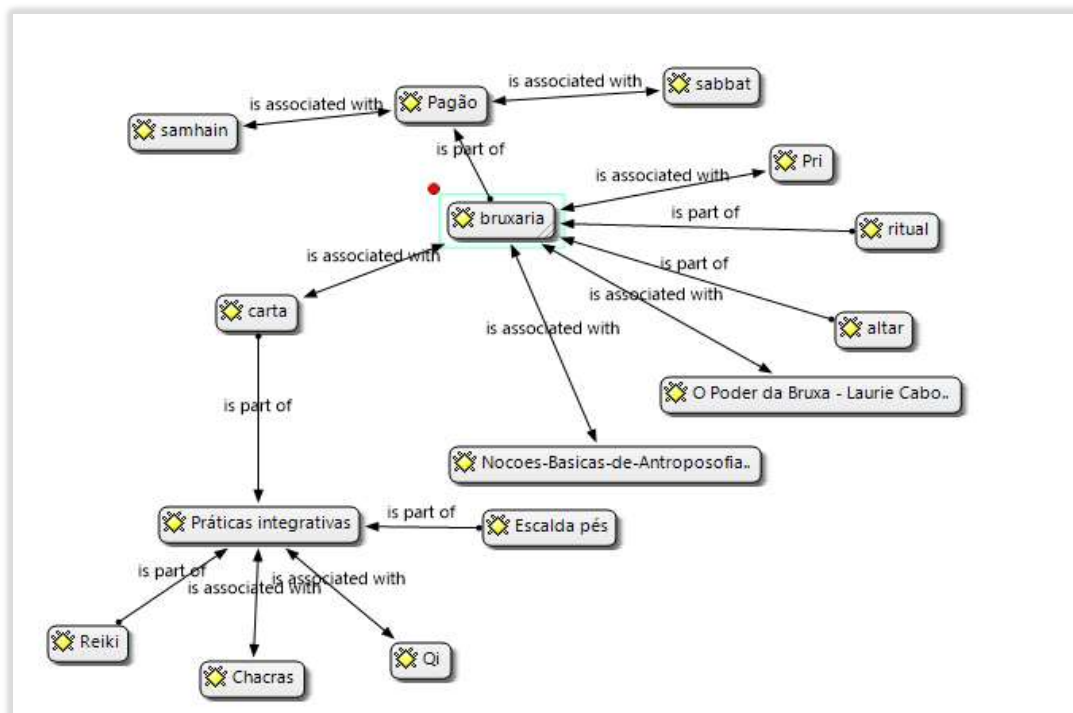
Ingold (2013) já sugeriu que temos nossa “cota” de animismo, mas dentro dessa “modernidade” do ocidente, ligada à ciência e ficções científicas com vida em outros planetas. No entanto, o que é preciso reter, aqui, é se há espaço para falar de um animismo que faça justiça ao animismo entre alteridades radicaís, ou a herança anímica de outros povos. Foi essa justamente a proposta de Stengers (2017), quando sugeriu que deveríamos reativar o animismo, pois, em certa medida, o neopaganismo seria outro nome para agenciamentos (no sentido de Deluze e Guatarri) que constituem nossa experiência, negando que estamos sós no mundo.

Foi refletindo sobre essas questões teóricas que decidi tensionar dados etnográficos circulando na cidade de Olinda (on e *offline*) e que eram intitulados de bruxaria natural, neopaganismo, entre outros nomes. Em minha interpretação, o modo de existência da [MET] não era suficiente para lidar com os dados. Por outro lado, antecipo, houve uma surpresa muito simples, mas que achei bastante rica para teoria antropológica, principalmente sobre ciência *versus* crença. A saber: o grupo de neopagãs que participou da minha pesquisa não opunha ciência ao neopaganismo. Pelo contrário, mantinha, numa atitude que diria diplomática, o convívio entre diferentes, por que não dizer, modos de existência (por conseguinte: condições de veridicção)? O que resulta em assumir como argumento que, durante a pandemia, praticavam magias de cura, mas não em relação à Covid-19, pois, aqui, a ciência era o campo oficial.

## **Neopaganismo em Olinda**

Em conversas com Silvana (32 anos) – e amigas neopagãs -, que é formada em publicidade e propaganda, e atua como terapeuta de práticas integrativas em Olinda, deparei-me com o que Stengers (2017) chamaria de animismo: ou neopaganismo.

FIGURA 2 – PRÁTICAS INTEGRATIVAS E NEOPAGANISMO



Fonte: o autor (2022).

A rede acima (modo de existência [RES]) não é meramente ilustrativa dos códigos gerados no Atlas ti.7. Ele representa um conjunto de práticas e conhecimentos associados e em operação durante a pandemia pelo grupo de neopagãs. Eles reúnem certas práticas (Reiki), energias (Chachras, Qi), rituais (Sabbat), hábitos (tirar cartas), *influencers* (Pri), livros (O poder da Bruxa; Noções básicas de Antroposofia) etc., associados e que circulam pelo ambiente *on* e *offline*. A [RES] segue os encadeamentos, sem lhes dar sentido. A [PRE] (modo da preposição) é que nos traz o sentido (e a veridicção). A questão que surgia, aí, teórica, era se poderiam essas práticas terem o sentido [PRE] associado à [MET]. Como sugeri acima, e trazendo também o caso de Isaura, a metamorfose é insuficiente, enquanto categoria antropológica, para lidar com o montante de práticas que, claramente, possuem tradições muito anteriores ao advento da modernidade, como a medicina tradicional chinesa com Qi, ou outras práticas ligadas aos Chacras, ao Reiki; ao paganismo (bruxaria).

Durante o desenvolvimento da modernidade europeia, já havia surgido e sido problematizado na antropologia, outras formas de espiritualidade. No século XIX, tratava-se de outra forma de “espiritualismo”:

[...] já na altura do terço final do capítulo 4 (“Sobrevivência na cultura”)[livro Tylor, Edward (1871) *Primitive Culture*, Vol. 1. Londres: John Murray.], o termo [animismo] reaparece para qualificar os ensinamentos do escritor e místico Emanuel Swedenborg, que viveu na Escandinávia no século 18 (1871 I, 130). O pensamento deste “visionário”, nos termos do próprio Tylor, contribuíra para o revivescência [revival] da doutrina espiritualista na modernidade. Associado intimamente com a bruxaria por milênios, o espiritualismo havia aparentemente ‘desaparecido’ desde pelo menos o século 13 (juntamente com a bruxaria), quando a Inquisição e as caças às bruxas tomaram conta da Europa medieval. A revivescência do espiritualismo a partir do século 18 seria, do ponto de vista da teoria das sobrevivências de Tylor, uma forma suavizada de bruxaria, mas que deita suas raízes no mais profundo estrato da filosofia selvagem (aquela que Tylor chamará de animista) – o mesmo em que a bruxaria apareceu pela primeira vez (1871 I, 128). Tida por muitos de seus predecessores como uma doutrina morta, o espiritualismo passara a contar no século 19 com dezenas de milhares de adeptos nos Estados Unidos e na Inglaterra. (PEREIRA, 2019, p. 25).

Notar a associação espiritualista com a bruxaria por milênios. Ora, aqui, no século XIX, bruxaria está para o animismo (“filosofia selvagem” pra Tylor); já o neopaganismo seria uma bruxaria suavizada para adeptas de Olinda no XXI? As práticas de conhecimento (livros que resgatam a história da bruxaria), assim como mídias sociais sobre bruxaria em Olinda (diário da bruxa, Pri), parecem sugerir que não. Neste sentido, há algo de epistemológico, não apenas ontológico, do neopaganismo – o que corrobora a tese de Bird-David (1999), mas não no seu sentido de epistemologia relacional (hipótese não investigada).

Para caracterizar o modo de existência anímico, sugeri o seguinte:

QUADRO 2 – Modo de existência anímico [ANI]

Nome	Hiato	Trajetória	Felicidade E Infelicidade	Seres a instaurar	Alteração	Nome
Animismo	Desassombro	Reativamento dos existentes	assombrar e afetar, proteger/esquecimento e surpresa	Almas e outras formas de vida	Multiplicação dos existentes	[ANI]

Fonte: o autor (2022).

O hiato, o descontínuo, que precisa ser passado para o animismo persistir é o desassombro. Com a modernidade, as “filosofias selvagens” e a “bruxaria” foram substituídas por um espiritualismo “sobrevivente”, mas que a Ciência, epistemologicamente, superaria e, ontologicamente, baniria da realidade moderna (cartesiana e positiva); a trajetória do animismo, conseqüentemente, seria reativar-se (STENGERS, 2017). As condições de felicidade – veridicções – do animismo seriam assombrar, afetar; ou “esquecer” (a ancestralidade, por exemplo) e, daí, a “surpresa” que Ingold (2013) diz que nós temos diante de eventos inexplicáveis ou que escapam a nossa compreensão, enquanto os “animistas” não a teriam, já que estão “abertos” para o mundo; seres a instaurar são, claramente, almas e demais formas de “vida” (alienígenas, para lembrar de novo de Ingold (2013); e a alteração do animismo seria, justamente, a multiplicação dos existentes, pois, como diz Stengers (2017), não estamos sozinhos, nos lembram as neopagãs com o animismo.

### **A incógnita e o desaparecimento do placebo em Olinda**

As mídias sociais encontradas durante a pesquisa de campo demonstram um deslocamento da experiência de pessoas com a pandemia; essas experiências tornam-se relatos e ganham vida nos ambientes digitais. Quando são reunidas em determinados sítios ou localizadores digitais<sup>6</sup>, em torno, neste caso, da figura de *influencers* ou, mais recentemente: produtoras e produtores de conteúdo, cria-se, sugiro, uma epistemologia baseada na reunião dos relatos, atestando sua validade como conhecimento. Neste sentido, mídias digitais tornam-se evidências, do ponto de vista epistemológico. E elas se agregam a figuras reconhecidas como autoridades, em certos casos<sup>7</sup>.

É nesse movimento de transformação da experiência científica para as mídias sociais (claro, não exclusivamente para essas mídias), que aparece o hiato do modo de existência científico [REF]. A descontinuidade do laboratório para os ambientes digitais, traduzida por produtores e produtoras de conteúdo, assim como a ratificação dessas

---

<sup>6</sup> Chamo de localizadores digitais os sítios em que ação se desdobram; embora Latour (2012) fale de localizadores off-line, como ambientes que preparam a ação, nos localizadores digitais, o que opera é a linguagem da programação em cada plataforma digital. Daí a necessidade de diferenciar um localizador “off” e outro “online”.

<sup>7</sup> Não me alongarei, por questão de espaço, neste tópico. Mas sugiro a leitura do trabalho que apresentei no ALAS 2022, no qual desdobrei controvérsias em torno de medicação preventiva durante a pandemia “Pandemia e mídias sociais: controvérsias em torno da medicação preventiva”, no GT 1 – Ciências, Innovación y tecnología digitales.

mídias sociais em meu campo de pesquisa, demonstram que ocorrem inversões epistemológicas e substituições de critérios de legitimação do conhecimento.

O caso que chamou mais minha atenção, em campo, e familiarizado com testes de PCR devido a uma etnografia de laboratório sobre a epidemia de Zika, assim como pela formação em *Science studies*, foi o desaparecimento do efeito placebo, enquanto experiência fundamental para o desenvolvimento da (bio)medicina (Cf. PIGNARRE, 1999; STENGERS, 2002). Segundo Saretta (2019, p. 43):

Como modelo explicativo ao efeito dos placebos, as análises biomédicas clássicas consideram dois mecanismos de ação, os quais costumam ser conciliados: o efeito de expectativa e o efeito condicionante. A expectativa seria atribuída à crença do paciente de que o procedimento irá melhorar seus sintomas, a qual é influenciada por muitos aspectos, dentre os quais a própria expectativa do prescritor. A noção de condicionamento clássico tem como referência os experimentos coordenados pelo fisiologista Ivan Pavlov na virada para o século XX, que teriam mostrado uma forma de aprendizado associativo do tipo estímulo resposta, cujo exemplo mais famoso foi a verificação do aumento de salivação em cães que ouviam o tocar de um sino após terem passado por um período de aprendizado no qual o sino era tocado no momento em que a alimentação era fornecida.

Diante das mídias sociais transportadoras de experiências locais com a pandemia, em acréscimo da posição dos influenciadores, não existe nem o efeito de expectativa e nem o efeito condicionante. E não estou me referindo aos influenciadores, mas ao campo e as mídias sociais compartilhadas, as experiências tornadas relatos. O caso de Isaura não menciona, em nenhum momento, a experiência de cura e de “bem estar”, “imunidade alta”, boas práticas alimentares, a um efeito placebo; já Silvana, utiliza a ciência [REF], mas trabalha com práticas integrativas e realiza seus rituais neopagãs sem, novamente, pensar na presença de um “ser invisível” chamado placebo.

A partir dos modos de existência, a ciência [REF] é substituída pela preposição de outros modos, quando encontramos as mídias sociais: ou [MET], com Latour; ou [ANI], como defendo. De um ponto de vista epistemológico, o “ponto cego” da ciência, sua variável “incógnita” – e aqui lembro que Pignarre (1999, p. 31) argumenta que:

Se tomarmos o imenso corpus de estudos realizados com uma molécula contra um placebo, é evidente que o elemento que se faz variar, a "variável" no sentido preciso do termo, é a seqüência quase infinita das moléculas testadas. O placebo e seu efeito, por sua vez, são considerados como o ponto fixo. Trata-se de um paradoxo, já que o efeito placebo é, por outro lado, o que menos dominamos, o que temos o hábito de considerar como a coisa mais evanescente, sobre a qual nenhum saber preciso é possível, como o mostram as variações de resultados obtidos mudando o protocolo de estudo de uma

mesma molécula. Esse paradoxo desaparece se abandonamos a idéia de que o estudo contra-placebo destina-se a produzir ciência. Portanto, no exato momento em que se acrescenta o que chamamos "efeito placebo", não se pode mais explicá-lo, justamente por causa dos procedimentos escolhidos para realizar esse acréscimo. Ele é o sinal de que os efeitos que obtemos com um ser humano vivo não são comparáveis aos que se obtêm com tecidos em cultura ou animais de laboratório.

A epistemologia encontrada no campo prioriza a experiência local (seja ela de “beira de leito”, seja ela “individual”); as mídias sociais as ratificam; influenciadores/as às aglutinam em seus localizadores digitais, suas plataformas, suas *tags* e marcadores, auxiliados pelos algoritmos e sua programação.

Apesar da diferença entre o caso de Isaura e o de Silvana, que são “estudos de caso” semelhantes aos diversos relatos encontrados no formato de mídias sociais, daí a serem considerados experiências inter-locais agregadas em plataformas digitais, seus elementos comuns são: i) do ponto de vista dos modos de existência, a ciência [REF] é transformada (Isaura), ou mantida (Silvana), porém, em ambas o animismo é agregado; ii) o efeito placebo desaparece exatamente quando essas outras epistemologia traduzem ambas as experiências. Além disso, cabe destacar que as substituições epistemológicas ou mesmo o “convívio” ontológico de [REF] e [ANI] são tornadas práticas cotidianas, ou seja, modo de existência do hábito [HAB]. Assim, no [HAB], o placebo dos laboratórios desaparece, sendo substituído pelos seres do que Tylor chamou de espiritualismo, no século XIX.

### **O hábito, os seres dos interesses apaixonados e a física quântica**

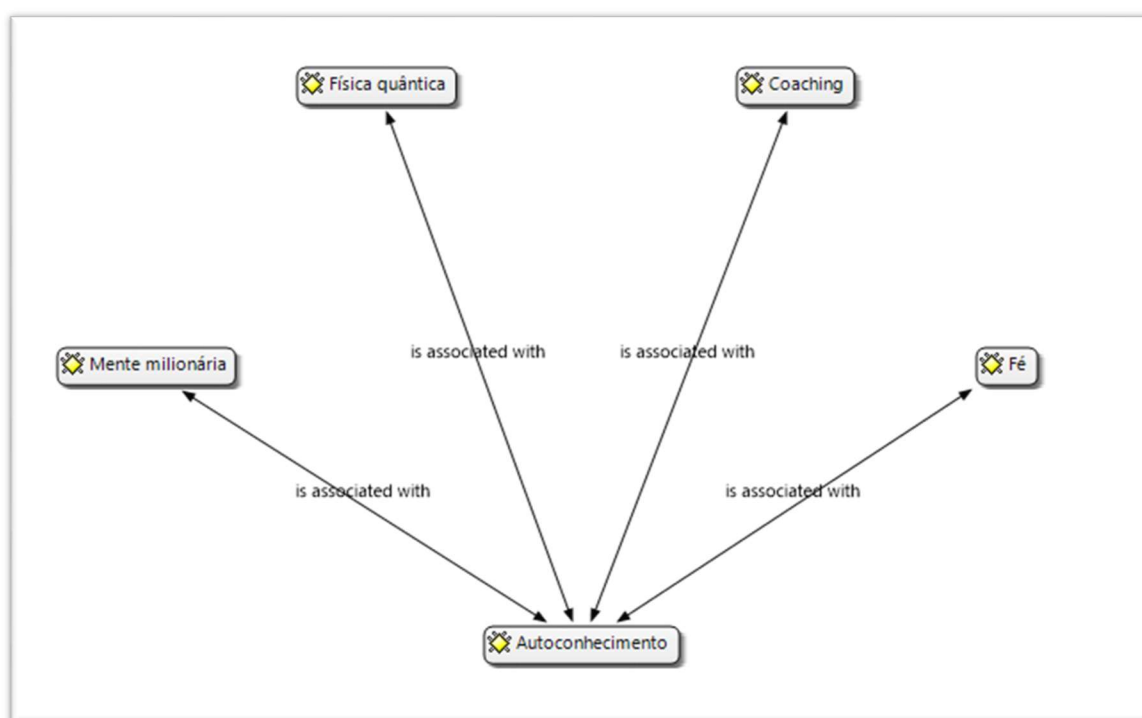
Tendo sido percebida a perda do placebo diante do [HAB] que seguiu o [ANI] (ou [MET]), mesmo que sem deixar a [REF] de lado, seja transformando-a, seja apenas convivendo com ela no hábito de tomar remédios e vacinas contra a Covid-19, ainda existe uma terceira forma de cura, mas mais ainda ligada a uma epistemologia que se pretende fiel à ciência: a da correlação entre vontade, hábito, pensamento e energias do universo.

O último caso é o de Drica, que atualmente utiliza o Instagram como ferramenta de *marketing digital*. Aqui, não se trata necessariamente de cura, mas de uma experiência de autoajuda que Drica defende e defendia independentemente da pandemia. Em conversa com ela, surgiu o seguinte assunto:

Eu tenho até um [livro], não sei se tu já leu; eu tenho um livro: mente milionária. Se tu não leu, é uma indicação massa pra tu ler. E eu não tenho como emprestar. Sou muito sincera. Porque eu tenho que/o livro/ conselho a você ler de tempos em tempos. Pra reafirmar os ensinamentos de uma mente milionária. (Transcrição de áudio de WhatsApp, 29 de julho de 2021).

Essa sugestão de leitura “de tempos em tempos” sugere a manutenção do hábito [HAB]. Já o livro “Os segredos de uma mente milionária, de T. Harv Eker, 1992” está ligado tanto à profissão de Drica quanto a outras práticas, associadas, contudo, à física quântica:

FIRURA 3 – REDE DE AUTOCONHECIMENTO

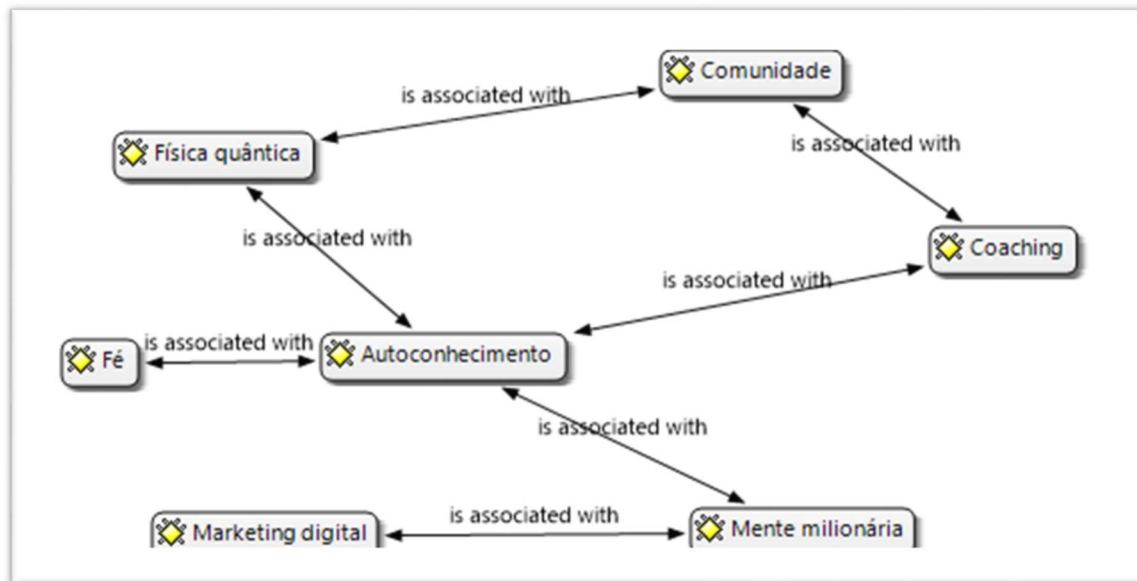


Fonte: o autor, 2022.

Se autoconhecimento está conectado com o [ANI] em Isaura, aqui ele aparece ligado à física quântica, ao livro mente milionária, a fé e ao *coaching*. De um ponto de vista dos modos de existência, surge o dos seres do interesse apaixonado ou dos seres do apego [ATT]. De um ponto de vista epistemológico, a associação com a física quântica parte do pressuposto comum tanto à Isaura quanto à Silvana, ou ao elemento em comum que desapareceu quando do hiato dos laboratórios para o campo e circulação das mídias sociais: não existe efeito placebo nem condicionante e nem de expectativa; a fé, o autoconhecimento e [HAB] de manter uma mente milionária entram em cena.

E, no entanto, não se tratava de uma prática ligada apenas ao interesse individual, como seria comum pensar em relação aos seres do apego [ATT], já que este modo faz parte do *marketing* e dos interesses econômicos. Drica também possui interesses sociais. Ela me convidou para participar de um grupo em uma “comunidade”. A missão desse grupo é de autoconhecimento. Desse modo, encontrei a seguinte rede [RES]:

FIGURA 4 – REDE DE FÍSICA QUÂNTICA



Fonte: o autor, 2022.

O caso de Drica é interessante porque ele está mais próximo do modo de existência da [MET], já que associa o bem estar e questões ligadas à mente (psiquismos) a forças invisível (fé, física quântica); e, também, ao modo de existência do hábito [HAB]. Com efeito, o [ANI] aqui foi substituído por uma maneira mais “moderna” de *espiritualismo*. E aqui esse termo se torna problemático. Pois o caso de Drica não necessariamente designa especificamente seres espirituais, encantos, magia etc., ao falar em física quântica, sua tendência remete a uma epistemologia que parte, novamente do ponto do “cego”, da biomedicina, isto é, neste caso, do efeito placebo, e o substitui por outros seres (fé, física quântica).

## Conclusão

A conclusão deste trabalho apontou para duas formas de se lidar com a pandemia. Na primeira, o uso de medicamentos era indicado, independente de outras



formas de prevenção. No Segundo caso, associou-se práticas de cura ligados ao que designei por modo de existência animista. Também foi identificada a prática de neopaganismo e de autoconhecimento cruzando *marketing*, *coaching* e física quântica, não diretamente ligado à pandemia, mas convivendo com ela e, por conseguinte, com o uso cientificamente vigente das recomendações da medicina, a despeito de serem práticas ontológico e epistemologicamente distintas.

Reiterando que esses são resultados parciais, e um recorte de uma pesquisa mais ampla, realizada na cidade de Olinda, que partiu de ambientes digitais e de mídias sociais como principal fontes de dados, sugere-se maior ênfase na investigação da pluralidade de práticas relacionadas à pandemia, com ênfase na “cura”, sem aderir rapidamente a binarismos políticos, tampouco, como ensinou o campo, a contrapor práticas (e ontologias), conhecimento ou saberes (epistemologias), sumária e antagonicamente, caindo no relativismo ou, ao contrário, num tipo de “colonialidade” ou de “positivismo tardio”, que Latour chamaria de modo de existência do Duplo Clique, reduzindo tudo apenas a uma verdade, à Razão.

Por último, salvo as diferenças de saberes e de práticas, de epistemologias e de ontologias, viu-se que a ciência (REF) sofre uma descontinuidade ao se tornar mídia social: entre outras coisas, ela perde o chamado efeito placebo. No campo, ele foi substituído, justamente, por outras práticas (epistemológico e ontologicamente orientadas), que, não necessariamente se opõem à ciência, mas que também se pretendem ou cientificamente válidas, ou, no mínimo, equivalentes em sua eficácia. Seja essa eficácia para o “sucesso”, para o bem viver (hábito), para proteção – mas todas elas ligadas ao autoconhecimento. O placebo, no entanto, não participa dessas realidades, tenha-se ou não consciência disso.

## REFERÊNCIAS

BIRD-DAVID, Nurit. "Animism" Revisited: Personhood, Environment, and Relational Epistemology. **Current Anthropology**, Vol. 40, No. S1, Special Issue Culture—A Second Chance? (February 1999), pp. S67-S91, 1999. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.1086/200061>. Acesso: 1 abr. 2022.

BIRD-DAVID, Nurit. "Animismo" revisitado: pessoa, meio ambiente e epistemologia relacional. Traduzido por Kleyton Rattes. Debates do NER, Porto Alegre, ano 19, n. 35, p. 93-171, jan/jun. 2019. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8136.95698>.

BRITO, 2020a. Impactos da Covid-19 em Olinda (PE): notas etnográficas sobre pessoas com suspeita de contaminação. **Rev. Interd. em Cult. e Soc. (RICS)**, São Luís, v. 6, n. 2, p. 156-173, jul./dez. 2020. Disponível em:

<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/15822>. Acesso: 12 mar. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) 2010. Cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/olinda/panorama>. Acesso: 7 dez. 2021

MILLER, Daniel; et al. (ORGS). Como o mundo mudou as mídias sociais. Tradução: João Osvaldo S. da Matta. Londres, UCL PRESS, 2019. Disponível em: [www.ucl.ac.uk/ucl-press](http://www.ucl.ac.uk/ucl-press)>. Acesso: 16 mar. 2021.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede**. Salvador, EDUFBA, 2012; BAURU, São Paulo, 2012.

LATOURE, Bruno. **Investigação sobre os modos de existência: uma antropologia dos modernos**. Tradução Alexandre Agabiti Fernandez, Petrópolis, RJ, Vozes, 2019. Coleção Antropologia.

LEITÃO, Débora K.; GOMES, Laura Graziela. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Antropolítica – Revista Contemporânea de Antropologia**, n.42, Niterói, p. 41-65, (1º sem.) 2017. Disponível em: <http://www.revistas.uff.br/index.php/antropolitica/article/view/546>. Acesso: 31 ago 2020.

PEIRANO, Mariza. When anthropology is at home: the different contexts of a single discipline. *Annu. Rev. Anthropology*, 21, 105-28, 1998. Disponível em: [when\\_anthropology\\_is\\_at\\_home.pdf \(marizapeirano.com.br\)](http://www.marizapeirano.com.br/when_anthropology_is_at_home.pdf). Acesso: 10 fev. 2022.

PEREIRA JUNIOR, Levindo da Costa. **Extra-humanos na antropologia [manuscrito]: Estudo sobre algumas formas de desativação e reativação de agências**. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2019.

PIGNARRE, Philippe. **O que é um medicamento**. Um objeto estranho entre ciência, mercado e sociedade. Tradução Paulo neves, Editora 34, São Paulo, 1999.

SARETTA, Mário Eugênio. **Feitos e efeitos do placebo: corpo, dor e realidade a partir da antropologia social**. 2019. Tese (Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

STENGERS, Isabelle. **A invenção das ciências modernas**. Tradução de Max Altman, São Paulo, Ed. 34, 2002.

STENGERS, 2017. Reativar o animismo. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. **Cadernos de Leitura**, n. 62, p. 1-15, mai. 2017. Disponível em: <<http://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2017/05/caderno-62-reativar-ok.pdf>>. Acesso: 23 mar. 2021.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural**. São Paulo, Ubu Editora, n-1 edições, 2018. 288 p.